

PACIENTES VIAJAM ATÉ 11 HORAS EM BUSCA DE TRATAMENTO

O adolescente Mateus Rocha Paes, 15 anos, viajou durante 11 horas ao lado da mãe, a funcionária pública Érica Reis Rocha, 48 anos, em busca de uma consulta na manhã da quinta-feira 14 de setembro no HRAC, o Centrinho. Os dois saíram de Volta Redonda, cidade do Sul do Rio de Janeiro, às 22 horas da noite anterior e chegaram em Bauru às 9h da manhã. Percorreram 650 quilômetros de estrada em um carro cedido pela Secretaria de Saúde do município fluminense.

Desde bebê, Mateus repete esse trajeto, ao menos três vezes ao ano. Com fissura labiopalatina, ele passou por várias cirurgias. “Para nós não mudou nada, ao menos por enquanto. Só vi que diminuiu um pouco o movimento”, explicou Érica, a mãe do adolescente.

O atendimento hoje no HRAC ficou restrito apenas a quem reside nas cidades da região administrativa de Bauru, mas Mateus e os outros pacientes de várias partes do Brasil que seguiam em tratamento (por longos anos, na maioria dos casos), continuarão com acesso aos serviços médicos.

Naiéli Vitória, de 11 anos,



Mateus Rocha Paes, 15, com a mãe, Érica Rocha



Naiéli Vitória, 11, e seu pai André Braz de Souza



Eliel Roberto, 22

recebe tratamento no Centrinho desde o nascimento, para se recuperar de surdez. Recebeu no hospital um implante coclear (um dispositivo eletrônico para a recuperação auditiva). A menina saiu de casa às 3 horas da manhã, em Fernandópolis (SP), a 300 quilômetros de Bauru, junto com o pai, André Braz de Souza, 33 anos, também em uma ambulância da Prefeitura da cidade. A cada seis meses, os dois visitam o hospital. “Vi que tem menos gente”, confirmou André, ao observar o movimento no hospital.

Eliel Roberto, 22 anos, com fissura labiopalatina, é atendido no Centrinho desde os seis meses. É de Itapira (SP), a 277 quilômetros de Bauru, de onde também saiu às 3 horas da manhã, em carro da prefeitura de sua cidade. Eliel fez, no Centrinho, cirurgias nos lábios, nariz e céu da boca, e recebeu um aparelho para a correção dos dentes. “O atendimento aqui é muito bom. Fizeram um hospital em Campinas, mas lá não tem os mesmos especialistas que os daqui. A cirurgia lá, segundo dizem, não dá o mesmo resultado”, relata.